

QUEM NÃO TEM

O CAPITALISMO brasileiro está passando por um grande teste nesse negócio do petróleo boliviano. Vamos ver se ele tem peito ou não tem para cumprir seu papel histórico. Seus teóricos, esses fracassaram. Temos no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico um esplêndido grupo de economistas, e que vemos? Todos estão solidários cem por cento com a orientação do sr. Roberto Camps, homem também de grandes luzes, mas atacado de um derrotismo, de um pessimismo ou seja o que fôr que o leva a só acreditar em qualquer coisa que tenha dólar no meio.

Se os teóricos se encolhem, muitos homens de ação, representantes da fina flor das chamadas classes produtoras, fazem nesse caso um papel lamentável. Querem se meter em negócio de petróleo, que é negócio arriscado por excelência, sem arriscar nada. Como isso não é possível, transferem o risco para o capitalismo norte-americano — e com o risco metade dos lucros e a direção efetiva do empreendimento. Não basta inventar a expressão «financiamento aleatório» para mascarar essa verdade simples: grandes grupos de capitalistas nossos estão dispostos a marchar para o Oeste, a fazer pioneirismo econômico gastando nisso até o último níquel de um sócio americano...

O que a Petrolanza e a Brabol pretendem, com o apadrinhamento do BNDE, é frontalmente contrário ao texto de nossos acordos com a Bolívia. A solução encontrada pelo grupo Soares Sampaio, que não conhecemos em minúcia, parece muito mais razoável, pois através do «swap» o capitalista estrangeiro tem segurança do retorno de seus dólares, e não precisa, por isso, impor as condições insuportáveis aceitas pela Petrolanza e pela Brabol. Por que não permitir a outros interessados fazer o mesmo? O grupo Galdeano e o grupo Oscar Ferreira foram postos em um segundo time por que? Sou insuspeito para falar do primeiro, mas como lhe negar o direito que os outros têm? Se ele é um aventureiro, que negócio mais tipicamente adequado ao seu gênero que esse? Negar que ele tenha recursos financeiros e técnicos é infantil. E que dizer desse senhor Oscar Ferreira, um legítimo «gato bravo» do petróleo, homem que já tem uma sonda posta na Bolívia?

No fim quem vai escolher as firmas a dar concessões é mesmo o governo da Bolívia; isso é um ato de sua soberania. O que incumbiria ao nosso governo seria zelar para que elas fôssem realmente de capital brasileiro; o que se fez nesse sentido foi uma seleção às avessas...

A verdade, afinal de contas, é que o governo brasileiro pode e deve dispor das divisas necessárias ao empreendimento. Não as teria, se a concessão fôsse da Petrobrás? Não terá de tê-las, em quantidade dez vezes maior, se fôr cumprir sua obrigação de construir um oleoduto? Que ele imponha ao povo outros sacrifícios, corte outros gastos no exterior, mas que arrisque alguma coisa em um empreendimento que pode representar em poucos anos não apenas uma situação de abastecimento de petróleo garantida e estrategicamente incomparável como também uma enorme economia de divisas.

De qualquer modo, a pior fórmula é esse tal «financiamento aleatório» que é uma abdicação de direitos muito mal disfarçada. Não direi que é pior do que nada; mas, francamente, acho vergonhoso irmos assim para a Bolívia, depois de discutir tanto um acordo, e de assumir ares de potência.

Ao governo e aos capitalistas peço licença para lembrar aquela frase lapidar de «seu» Manuel, da rua Acre: «quem não tem competência não se estabelece...».